

Ana Carolina Almeida Costa e Lusitana Maria Pimentel Martins

IPViseu (Escola Superior de Educação de Viseu)

Mestrado em Ensino do 1.º CEB e Português e História e Geografia de Portugal (2.º CEB)

Livro: Fahrenheit 451, Ray Bradbury

A combustão da palavra

Numa noite de verão, acordei sobressaltado, a suar, com um cheiro a queimado no nariz. Olhei em volta. Com a luz do luar percebi que estava tudo no devido lugar. Demorei o meu olhar numa enorme estante, cheia de livros com as lombadas de todas as cores, ajeitei a almofada e fechei os olhos com força; queria recordar o sonho que me acordou. Estava uma noite escura, manchada com tons de vermelho, amarelo e negro. O calor sufocante dificultava a respiração; uma multidão contemplava as chamas; silenciosamente. Queria fugir, voltar para casa, aquelas chamas seduziam-me. Abri caminho entre aquelas pessoas e, finalmente, vi o que estava a arder: livros, dezenas de livros, centenas de páginas, milhares de palavras, que de um minuto para o outro, desapareceram como se nunca tivessem existido. Abri os olhos, voltei a olhar para a estante, não dormi mais nessa noite.

Na manhã seguinte, não consegui prestar atenção ao que a professora estava a ensinar, por isso, ela pôs-me de castigo, a acabar os trabalhos para a biblioteca. Assim fiz. Abri a porta e espreitei lá para dentro. Observei os livros a repousarem, à espera que alguém os abrisse, para poderem cumprir a sua missão, contar as suas histórias. Por breves momentos contemplei a persistência e o amor de todos aqueles livros. Esperavam pacientemente pelos leitores, quando eram abertos espalhavam a sua sabedoria e conhecimento, tinham o poder de nos transportar para outros mundos. Em segundos, todos aqueles livros tinham desaparecido no meio das chamas, o cheiro a queimado voltou a inundar o meu nariz.

O professor Faber, que era responsável pela biblioteca, olhou para mim, surpreendido, e perguntou se estava tudo bem. Não consegui responder; mas, passado algum tempo, sussurrei, qual seria o motivo que leva as pessoas a queimarem os livros. Faber explicou-me os diferentes motivos, ensinou-me que os livros sofreram diferentes perseguições ao longo da História, por razões políticas, económicas, sociais, religiosas. Ensinou-me também que os livros são as armas mais poderosas que temos para construir um mundo melhor.

Desde esse dia passaram 25 anos, passei muitas horas entre livros, que no meu sonho foram queimados, as bibliotecas tornam-se refúgios e os livros um lar, uma profissão, tornei-me além

de um grande leitor, um grande escritor. A imagem dos livros a arder nunca saiu da minha mente, nunca mais tive um sonho parecido, até ontem. Voltei a acordar, sobressaltado, como naquela noite de verão. Eram as mesmas chamas, o mesmo cheiro, desta vez eu era a causa deste fogo, eu segurava o bocal de latão da mangueira bem firme nos punhos, que cuspi veneno cheio de querosene para a pilha de livros. Eu é que fiquei, silenciosamente, a vê-los a arder.

Os sonhos tornaram-se mais recorrentes. Durante a noite passei a ser um bombeiro, que não apagava fogos, mas queimava livros. Era um prazer especial pôr fogo às coisas, vê-las a ser devoradas, enegrecidas e transformadas. Neste mundo as pessoas andavam sempre com pressa, passavam os dias a ouvir as paredes, as famílias dos ecrãs, constantemente com conchas nos ouvidos. O que mais me surpreendia era o sorriso cruel que exibia quando me via ao espelho ao pensar nos livros que o fogo consumia, num turbilhão ascendente e faiscante.

O Guy Montag bombeiro não podia ser mais diferente do escritor que eu achava que era. Não conseguia relacionar-me com a pessoa que era durante os sonhos, alguém que não pensava, apenas seguia ordens sem nunca as questionar. Estava convencido que não havia nada que conseguisse mudar a minha versão mais infeliz, até que o Guy bombeiro viu alguém morrer, uma mulher que preferiu perder a vida a viver sem os seus livros. Deve haver algo nos livros, coisas que não conseguimos imaginar, para que uma mulher se deixe ficar assim numa casa em chamas. Deve haver algo neles, não se faz uma coisa daquelas por nada, pensou ele, inquieto. Este pensamento foi o ponto de partida para a mudança, foi o momento da nossa junção, passamos a ser um só.

Angustiado, percorri as ruas, caminhei sem me aperceber até a um parque verdejante. Quando vislumbrei o nascer do sol pensei em todo o querosene que usei nos últimos sonhos, e pensei em livros. Apercebi-me de que por detrás de cada um desses livros está um Homem, um Homem que teve de pensar neles, um Homem que teve de fixá-los em papel durante muito tempo. Nunca me tinha ocorrido isso, um Homem que levou uma vida inteira a anotar os seus pensamentos, a observar o mundo e a vida, e depois chego eu e em dois minutos, tudo acaba. Como é que nunca tinha pensado nisto, se eu próprio passei para palavras os meus pensamentos durante toda a minha vida diurna, se aperfeiçoei a arte de incendiar pensamentos através de palavras.

Como a fénix, estes renascem do fogo com uma nova vida, forjados e transformados, centenas de palavras reunidas, assim nasce um livro.

Olhei em volta. O sol já ia alto, não estava sozinho. Lá ao fundo estava um velho vestido com um fato escuro, que escondeu algo debaixo do casaco. Fui sentar-me junto dele, mostrei-lhe o livro que involuntariamente tirei da casa que ajudei a queimar. O velho perdeu o medo, admitiu que era um antigo professor de inglês, Faber era o seu nome. Demorei a lembrar-me de onde reconhecia este nome, era o homem que há tantos anos atrás me ensinou o motivo pelo qual se queimavam os livros.

Continuamos sentados, Faber disse o que pareceu um poema sem rima, explicou-me que não dizia coisas, falava sobre o sentido das coisas, que estava ali sentado e sabia que estava vivo, concluiu o seu monólogo com a sua definição de livros. Com a sua voz pálida sussurrou: “Os livros são um tipo de recetáculo em que guardávamos as coisas que tínhamos medo de perder. Em si mesmos, nada têm de mágico. A magia está no que eles nos dizem, em como nos apresentam uma única peça feita da costura de vários bocados do universo”.

Apertamos as mãos como forma de despedida e prosseguimos os nossos caminhos. Voltei a encontrar-me, tempos depois, com o Faber e ele foi fundamental para a minha fuga, contou-me das pessoas fugidias que viviam ao longo dos caminhos de ferros, antigos professores amantes de livros, que se revoltaram contra o sistema. Os meus colegas de profissão descobriram que eu roubava livros das casas que queimávamos, perseguiram-me, tive de fugir para me salvar.

Com muito custo, consegui chegar àquele refúgio, onde me acolheram e ensinaram que nada se perde definitivamente. Aprendi que todos nós temos memórias fotográficas, mas passamos uma vida inteira a aprender a bloquear tudo o que lá guardamos; contudo, é possível desbloquear tudo o que tenha sido lido pelo menos uma vez. E foi esse o meu contributo para aqueles

literários em fuga. Ali estavam todos, Aristófanes, Mahatma Ganhi, Budha, Confúcio, Thomas Jefferson, Saramago, Pessoa, Sophia.

Nunca deixei de queimar livros, lia-os e depois queimava-os, com receio de que pudessem ser descobertos. Era melhor guardar tudo nas nossas cabeças, onde ninguém consegue aceder facilmente. Eramos todos bocados e pedaços de história e literatura.

Quando acordava, lia e relia diferentes livros, para aumentar a biblioteca dentro de mim. Quando adormecia, encontrava-me com aquelas pessoas que encarnavam as bibliotecas. Não passávamos de sobrecapas de livros, sem outra particular importância. Tudo o que queríamos era manter intacto e seguro o conhecimento que nos iria ser útil no futuro. Acreditávamos que se passássemos os livros aos nossos filhos, boca a orelha, e deixássemos que, por seu turno, os nossos filhos os passassem a outros, um dia destes, um ano destes, iria ser possível voltar a escrever livros, e todas essas pessoas seriam chamadas, uma a uma, para recitar o que decoraram, e voltaríamos a imprimir tudo isso de novo.

Continuei a escrever, de dia em papel, de noite os pensamentos surgiam enquanto encarava a fogueira, chamas que não queimavam, mas aqueciam. Encarei a preservação de conhecimento e a transmissão da importância dos livros como uma missão nas minhas duas facetas.

Durante o dia folheio as páginas dos livros, quando me deito e adormeço passo a folhear pessoas, que me contam histórias que não são suas, mas fazem parte do seu ser.

Aprendi que os livros estão intrinsecamente ligados ao Homem, desde os primórdios existe a necessidade de contar, inventar, partilhar todo o tipo de histórias e contos, são as histórias que nos ligam e nos aproximam, que confortam gerações e criam tradições. Podemos esquecer-nos deste facto, mas vão existir sempre vagabundos por fora, bibliotecas por dentro, que nunca deixarão de acreditar na importância da combustão das palavras.